

Programa ‘Ciência sem Fronteiras’ leva 239 alunos para estudar no exterior

A bolsa de estudos do governo federal leva os universitários com tudo pago para os cursos em outros países



Evelyn Doci, na Austrália, onde estudou arquitetura na UNSW por um ano e dois meses



Thais, Carolina e Nanci na expectativa pela viagem de intercâmbio que acontecerá em breve

Felipe Ferreira
felipeferreira@jornal.com.br

O programa Ciência sem Fronteiras, do governo federal levou, até julho deste ano, 239 alunos da cidade para estudar no exterior. O programa tem o objetivo de enviar universitários brasileiros para outros países, com todas as despesas pagas (passagens e moradia), para cur-

dá. Os cursos que mais atraem os estudantes são os relacionados à engenharias (diversas áreas), biologia e computação. Segundo o MEC (Ministério da Educação), no país, 62,8 mil universitários já foram beneficiados pelo programa desde 2011 quando foi criado.

EXPERIÊNCIA — Aluna do curso de arquitetura e urbanismo da Unimep, Evelyn Doci, 23, embarcou para Sidney, Austrália, no final de 2012 onde permaneceu por 1 ano e 2 meses e contou ter vivido momentos inesquecíveis. “Avalio como a melhor de todas as experiências que tive na vida. Frequentei uma das cem melhores universidades do mundo e pude conhecer lugares onde jamais imaginei estar.”

Evelyn, estudou na UNSW (University of New South Wales), e contou que a opção pela Austrália foi baseada, entre outros fatores, pelas semelhanças climáticas que o país tem com o Brasil. “Eu sofro muito com o frio e como lá as temperaturas são iguais às daqui, achei que encontraria mais facilidade para a adaptação. Além disso, sempre ouvi relatos de pessoas maravilhadas com o país, o que pude comprovar após a temporada do intercâmbio”, afirmou.

A universitária disse ter ficado surpresa com a facilidade para conseguir a bolsa de estudos internacional. “Tudo foi bem rápido, me inscrevi em agosto e embarquei poucos meses depois. Para viajar tive que cumprir algumas etapas burocráticas como a homologação pelo MEC, alguns documentos e o visto da viagem. Por último pas-

sei por uma avaliação em inglês para provar que eu conseguiria me comunicar lá.”

Sobre o idioma, Evelyn disse que o curso que fez na infância facilitou. “Eu já era fluente, só tive um pouco de dificuldade nas primeiras semanas porque os australianos falam inglês com um sotaque bem puxado, diferente do que aprendi, que é o falado nos Estados Unidos”, afirmou a estudante.

Em Sydney, a rotina da universitária era baseada em muitas horas de estudo. “Definitivamente uma viagem de intercâmbio é coisa séria, bem diferente de uma viagem de turismo. Eu tinha aula nos períodos da manhã e tarde quase todos os dias. Não trabalhava, mas como tinha muitas atividades da universidade, chegava em casa e continuava estudando”, disse.

Evelyn conta que fez muitas



Frequentei uma das cem melhores universidades do mundo



Evelyn Doci,
estudante de arquitetura

amizades durante no período. “Conheci gente de muitos países, pessoas muito legais, morei um bom tempo com garotas da China que eu gostava muito.”

Ela concluiu a graduação em dezembro de 2015 e conta seus planos para o futuro. “Atualmente estou buscando um estágio na minha área e a longo prazo minha meta é ter meu escritório de Design e Arquitetura.”

MALAS PRONTAS — Nas próximas semanas, três alunas da EEP (Escola de Engenharia de Piracicaba) iniciarão um período de intercâmbio no exterior. Carolina de Moraes Rando, Nanci Ponce Roncato e Thais Khater Santos já estão de malas prontas para a viagem.

Carolina permanecerá por um ano e quatro meses nos Estados Unidos onde estudará na Universidade de Virgínia, Nanci, que irá para o mesmo país, frequentará a Universidade de Winconsi e Thais embarcará para a Holanda onde estudará na Universidade de Amsterdam.

Os países mais escolhidos como destino são, pela ordem, Estados Unidos, Reino Unido e Canadá

sos de pós graduação ou estágio. Os países mais escolhidos como destino são, pela ordem, Estados Unidos, Reino Unido e Cana-